


COMUNICAÇÃO E DIFERENÇA: contribuições de um brasileiro chamado Ciro Marcondes Filho

COMMUNICATION AND DIFFERENCE: contributions of a brazilian named Ciro Marcondes Filho

COMUNICACIÓN Y DIFERENCIA: aportes de un brasileño llamado Ciro Marcondes Filho

Weberson Ferreira Dias

Graduado em Comunicação Social/Jornalismo, MBA em Comunicação Empresarial e Marketing e pós-graduado em Docência do Ensino Superior. Mestre em Ciências Sociais e Humanidades pelo Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar Territórios e Expressões Culturais no Cerrado (TECCER/UEG). Doutorando em Comunicação pelo PPGCOM/UFG. webersondias@gmail.com.

 0000-0003-3638-5590


Suely Henrique de Aquino Gomes

Doutorado em Ciências da Informação pela Universidade de Brasília (1999); mestrado em Automação de Biblioteca - University College London (1991) e graduação em Biblioteconomia pela Universidade de Brasília (1987), Professora do quadro permanente do Programa de Pós-Graduação (Mestrado e Doutorado) em Comunicação, Cidadania e Cultura (PPGCOM/FIC), atuando nas linhas de pesquisas Mídia e cultura e Mídia e Informação. suelyhenriquegomes@gmail.com.

 0000-0002-5711-483X

Deyvisson Pereira da Costa

Doutor em Comunicação (UFMG/2014), mestre em Comunicação (UFG/2009), especialista em Comunicação e Saúde (Fiocruz/2006) e bacharel em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo (UFJF/2005). deyvissonpereiracosta@gmail.com.

 0000-0001-8401-7122

Recebido em: 23.02.2023.
Aceito em: 30.04.2023.
Publicado em: 16.05.2023.

RESUMO¹:

Tensiona-se no presente artigo a noção deleuzeana de diferença e seus desdobramentos para as Ciências da Comunicação no Brasil. Para tal, resgata-se as contribuições do pesquisador brasileiro Ciro Marcondes Filho, que, em seu percurso teórico-metodológico, esboça um conceito singular de comunicação tendo como baliza a diferença. Estabelece-se um fio condutor entre os pensamentos do autor brasileiro e as ideias problematizadas pelo filósofo francês, a fim de que se faça uma análise das contribuições do primeiro para pensar a comunicação constituída como diferença no contexto do acontecimento. Por fim, reconhece-se a relevância do brasileiro Marcondes Filho a partir de sua empreitada epistemológica sobre a comunicação, repensando-a como diferenciante, capaz de transformar por ser acontecimento e devir.

PALAVRAS-CHAVE: Comunicação; Diferença; Acontecimento.

Introdução

Pensar o comunicacional é uma tarefa que tem exigido esforços. A inexistência de consenso para se conceituar o que é comunicação e delimitar um objeto nitidamente comunicacional parece não ter fim. Um desses pensadores no âmbito do Brasil com destaque na cena acadêmica contemporânea brasileira foi Ciro Marcondes Filho. Suas pesquisas procuram, em meio ao palheiro dos saberes, distinguir um objeto singular e singularizante: a agulha da comunicação na perspectiva da teoria da diferença, aquecendo o debate sobre a constituição de um possível objeto comunicacional e seu

¹ Partes deste artigo são derivadas da tese de doutorado em Comunicação pelo PPGCOM/UFG, em fase de construção pelo

primeiro autor, sob a orientação da segunda autora e co-orientação do terceiro autor.

respectivo campo. Recusou, ao mesmo tempo, a ideia midiológica e instrumentalizada da comunicação e nos apontou caminhos para nos livrarmos do engodo metafísico que atravessa parte das concepções sobre o comunicacional e das tentativas de reduzi-la à noção utilitária e central dos meios (aqui no sentido de aparato técnico). Ciro aproximou-se das ideias do filósofo francês Gilles Deleuze, que encaminha outra perspectiva da comunicação a ser debatida adiante.

O presente artigo constitui um reconhecimento e uma reflexão ensaística pautada numa revisão bibliográfica estritamente sobre comunicação e diferença em determinados textos de Ciro Marcondes Filho – um dos poucos brasileiros que tensionaram as noções de diferença e acontecimento na comunicação.

Em um primeiro movimento, nos debruçamos sobre o conceito e a relevância da *diferença* para a compreensão do comunicacional para, em seguida, articularmos tais noções no pensamento de Ciro Marcondes, escavando nele o reconhecimento da noção de diferença em suas problematizações. Ao final, enfatizamos o potencial da contribuição de Ciro Marcondes ao pensar a comunicação a partir da apreensão do acontecimental, do devir, da diferença.

Comunicação e diferença

A ideia primeira deste artigo caracteriza-se como um esforço para lançar luz sobre um dos vários aspectos cuja obra de Deleuze tangencia: o ato comunicacional enquanto acontecimento e, neste ponto, como produtor de diferença diferenciante. Na ordem do seu pensamento, a diferença constitui-se chave de acesso para o acontecimento. Há de se ressaltar, no entanto, conforme nos alerta Araújo (2020, p. 7), que “Deleuze nunca sistematizou um conceito próprio de comunicação, apesar de ter falado sobre o termo em momentos importantes de sua obra”. Entre os anos 1980 e 1990, “ele critica um conceito específico de comunicação, vinculado a uma filosofia da representação” e esboça “duas concepções distintas de comunicação em sua obra” (Araújo, 2020, p. 7): a primeira é que a comunicação é um processo de emergência que se “passa entre as coisas, entre as palavras, entre os conceitos”; a segunda considera a comunicação como processo de invenção de um plano que se “dá no corpo a corpo das diferenças, dos conjuntos heterogêneos” (Araújo, 2020, pp. 167-168). Infere-se, a partir deste ponto, que a comunicação estaria no campo dos incorpóreos.

De Miranda (2019), ao visitar a Teoria Filosófica do Acontecimento de Gilles Deleuze, destaca que, de acordo com a ideia de incorporal desenvolvida pelos estóicos, o acontecimento é o único capaz de destituir o verbo *ser* copulativo da proposição e o atributo essencial do *corpo*, que durante toda sua existência não mudaria. O

acontecimento (não-ser) está no plano da diferença, e, deste modo, é um real incorporeal. De Miranda afirma que tudo que existe no mundo e tudo que é real está no campo dos corpóreos, “mesmo as qualidades do ser, como as virtudes ou as paixões, são consideradas corpóreos, no tanto que elas afetam os corpos.” Os incorporeais, por sua vez, são os efeitos que incidem sobre os corpos em decorrência de seus acontecimentos e só existem por meio desses. É próprio do corpo entrar em relação com outros corpos, “e, em meio a essa relação, modificam-se, misturam-se, no entanto, eles não são causa para os outros” (De Miranda, 2019, pp. 7-8).

É na relação entre os corpos que se dá o acontecimento – esse, enquanto atributo, é um incorporeal, não é corpo, mesmo tendo existência. Embora os atributos comportem a mesma potência, o que modifica são os acontecimentos. Dado que todos os corpos são envolvidos em acontecimentos o tempo inteiro, são eles que produzem experiências, que potencializam a diferença. Assim sendo, Ulpiano (1989, pp. 13-15, grifo nosso) observa que o corpo “só pode ser pensado pela diferença”, ou seja, pelos seus acontecimentos, e nunca cessa de variar nas diferenças do acontecimento, ao que conclui se tratar de “modificações *incorporais*”, dado que “o *corpo* é sempre o *mesmo*”: sempre a potência de novos acontecimentos. Portanto, o acontecimento não está no plano da representação, antes, se coloca na ordem da diferença (subjetivação), esta que está na fronteira do devir.

Cordeiro (2007), a partir de Deleuze, observou que a arte é uma atividade privilegiada que pode captar o acontecimento, pelo fato da arte ser de natureza duradoura, resistir. Ao reproduzir tecnicamente o acontecimento, a linguagem o reduz. Sendo assim, a comunicação não estaria reduzida à linguagem, nem seria sinônima à narrativa, pois sempre haverá aspectos no acontecimento que não serão registrados (“invisível” em “visível”) ou dizíveis. Conforme Cordeiro (2007, p. 45), as pessoas não estão à espera de se comunicar umas com as outras, no que caracterizou como uma “mágica rede de emissores espalhados pelo mundo”, pois “a linguagem [diz ele], não é informativa nem comunicativa, mas transmissão de palavras de ordem” (Cordeiro, 2007, p. 45).

A natureza da comunicação se constitui como imaterial, no incorpóreo. É no acontecimento que a comunicação se realiza; no choque, no toque, no arranjo dos corpos heterogêneos e no embate das ideias diversas presentes na conversa trivial cotidiana. Masella Lopes ao sugerir a *comunicação como acontecimento*, analisa que:

Para realizar-se depende da subjetividade, da criação de um espaço relacional e operacional de transformação da informação e da linguagem. Nesse sentido, o acontecimento comunicacional difere

radicalmente dos aspectos recursivos de uma comunicação midiática [...]. O acontecimento supõe a introdução do novo e do imprevisto e, de algum modo, do surpreendente [...], [do] aspecto inusitado que justamente estabelece uma ruptura com a força e as facilidades do hábito. O acontecimento, portanto, é instigante, incitando a reflexão, e ocorre apenas mediante certas circunstâncias que, não raramente, passam despercebidas, invisíveis aos aparelhos de captura dos meios técnicos de comunicação (Masella Lopes, 2014, p. 8-9).

Ao mesmo tempo, o acontecimento comunicacional está para além das estruturas da linguagem (códigos e signos), porque ele nunca se deixa apreender na sua totalidade por ela e não se submete à ordem do discurso. A linguagem é insuficiente para explicar nossa relação com o mundo, por pecar na incapacidade de demonstrações do envolvimento e experiências, que Santos (2007, p. 12) aludiu como “comunicação acodificada”. Há algo no acontecimento que não é apreendido pela linguagem. O acontecimento, por si só, é pré-linguagem.

Prado (2017) corrobora com a ideia de que não há discursos que deem conta do acontecimento e, ao se distanciar da ideia do binômio emissor-receptor, aduz que o sujeito emerge com o acontecimento - esse se dá em um andamento vivo, vibrátil, brusco, intenso e no qual a resposta não venha exatamente de uma boca falante, mas de um corpo que é palco das pulsões. Assim, a linguagem, e por consequência, as narrativas são limitadoras do acontecimento, pretendem reduzir as realidades às capacidades expressivas.

No acontecimento, há o agenciamento de corpos heterogêneos (humanos e não-humanos), aqui entendido como linhas de forças que organizam, dispõem esses corpos. Assim como o agenciamento da carne e cutelo (Deleuze & Guattari, 1995), somos nós. A soma de gestos, atitudes e sentimentos, por exemplo, nos constituem enquanto indivíduo. Nossa existência é marcada pela potência de sentir e pensar, possibilitada a partir dos agenciamentos (Zourabichvili, 2004). No confronto corporal, somos, igualmente, transformados e, por vezes, de forma involuntária. Assim, percebe-se que a potência do corpo é sempre ir ao encontro de outros corpos, manter agenciamentos com eles na busca de outras potências, limitadas em caso de corpos homogêneos.

Em tempo, Masella Lopes (2014, p. 14) observa que a comunicação como acontecimento pode fundir corpos, antecipar falas, reconstruir limites e acolher a diferença. O autor coloca o corpo humano como complexo perceptivo e “centro organizador das diversas velocidades com que fluem nossos sentidos e o pensamento na percepção da realidade”, ao destacar que os meios técnicos de comunicação excluem o corpo da relação cognitiva entre nós e o mundo. No entanto, ao estabelecer essa ordem de pensamento, Masella Lopes (2014) demonstra romper com o conceito de

simetria dos corpos, hierarquiza e privilegia o corpo humano no acontecimento comunicacional, desfavorecendo o não-humano ao posicioná-lo à margem. Embora trate de acontecimento, se distancia da teoria da diferença, ao estabelecer uma primazia entre os corpos.

Em perspectiva metodológica, Prado (2017) define que as ações comunicativas se dão por dentro do acontecimento, a partir do momento em que os discursos passam a disputar os sentidos produzidos durante o evento. O acontecimento incita alguns enunciados, ajusta os dispositivos saber-poder. São essas diferenças, que são fundamentais no sistema deleuzeano. A diferença é principalmente comunicação, “os elementos se implicam uns nos outros, transformando-os” e, na ausência da comunicação, “as diferenças se perderiam em uma espécie de solipsismo” (Araújo, 2019, p. 3).

Deleuze vislumbrava a comunicação como a emergência de conexões e relações não-previstas, do inusitado (Araújo, 2019). A ideia de comunicação em Deleuze “é o que ocorre quando se junta aquilo que não parece poder ser juntado, uma relação tensa que se estabelece temporariamente”, ou ainda aproximação entre divergentes, que produz novos elementos, novas relações e é capaz de possibilitar o devir e a criação do novo (Araújo, 2019, pp. 4-5). A comunicação, segundo o autor, só existe se houver produção de diferença; trata-se de uma relação entre diferenças e entre diferentes.

Em Deleuze as diferenças se comunicam para produzir outra diferença, ou “diferenças de diferenças”. A comunicação é o que produz “diferenças em segundo grau”: ela é a relação entre diferenças que não visa uma identidade ou um comum anterior, mas sim produzir e proliferar diferenças. [...] Entramos em uma relação que diferencia o mundo, que o torna sempre estranho. Com Deleuze, entramos num mundo comunicacional imanente. [...] É preciso que as diferenças se relacionem: não para se assemelharem sob algum aspecto, mas para se afirmarem enquanto diferenças. É por isso que Deleuze usa termos como *ressonância*, *acoplamento*, *simbiose* e *aliança* para descrever a comunicação [...]. Os próprios corpos, que são constituídos por diferenças, penetram uns nos outros e se transformam mutuamente: as diferenças se relacionam para produzir outras diferenças (Araújo, 2020, pp. 64-5).

A citação de Araújo (2000) está pautada na ideia de Deleuze que escapa da ideia representativa na qual o processo comunicativo seria o restabelecimento da ordem e a superação das diferenças. Para Deleuze, se comunicação é acontecimento, ela não estabiliza, mas, ao contrário, inaugura, produz a diferença, o caos. Não significa dizer que não haja uma estabilidade momentânea, quando há a reterritorialização. Contudo, o corpo sempre estará envolvido no acontecimento, que o diferencia e produz nele

experiências e cuja potência dele produz novos acontecimentos. Advém daí a concepção de inesgotabilidade do acontecimento, como diria Deleuze (1974, p. 65), um esplendor “eternamente infinito”.

Se as diferenças nunca são superadas, pode-se falar em lapsos de estabilização, mas a produção incessante de diferença é inerente ao corpo. Logo, a comunicação inaugura *ad eternum* a diferença - não lhe compete estabilizar ou superar as diferenças. Araújo (2020, p. 65) se refere aos próprios corpos que são constituídos por diferenças e, a partir das relações, “penetram uns nos outros e se transformam mutuamente”. As diferenças, por sua vez, dão lugar às experiências. A comunicação é a possibilidade de criação a partir das diferenças advindas de um contágio mútuo. Segundo Araújo,

Ninguém sai de uma relação o mesmo, sempre somos atravessados pelos encontros que mantemos em nosso nível mais fundamental. [...] Estamos sempre em vias de virar outra coisa, entrar em contato com um outro composto de relações que irão desfazer-nos por completo. E essa talvez seja a força da teoria da comunicação de Deleuze: ser o dispositivo pelo qual nos desfazemos e nos refazemos naquilo que ele chama de devir, no processo que as coisas têm de tornarem-se outras. [...] Para uma coisa transformar-se em outra, é preciso que ela comunique. A comunicação é o que garante que as coisas do mundo tenham uma reserva de transformação, um devir constitutivo, ao entrar em novas relações: outras simbioses, outras alianças (Araújo, 2020, p. 75).

O acontecimento produz diferenças nos envolvidos no processo comunicativo. Tese reforçada por Santos (2007, p. 6) quando arbitra a comunicação como um processo multiplicador e resgata a ideia de que ele ocorre a partir do “*atrito dos corpos*”, com vistas a vetores sociais, históricos, culturais e subjetivos. Para a autora, a comunicação é algo muito mais sutil e de difícil entendimento, que está tanto na esfera do discurso, como também no campo do sentir, a partir dos sentidos que juntos nos abre ao contato com o outro e com o mundo (Santos, 2007).

A ideia de “*atrito dos corpos*”, explica Santos (2007), nada tem a ver com o deciframento do estado interno dos que participam do processo comunicacional. Não há uma interpenetração da mente dos indivíduos, mas ressalta o caráter mágico da comunicação entre duas intencionalidades que extraem deste encontro algo novo e inesperado. Para a autora, a comunicação só é possível por meio da existência de um mundo único e intersubjetivo a partir da percepção que podemos ter do outro como comportamento e não como objeto. Segundo ela, não podemos sentir como o outro sente, mas podemos criar um terreno comum para as nossas consciências a partir dessas experiências pré-pessoais, que nos fazem recordar a coexistência pacífica do mundo da criança (Santos, 2007). Mas, ao contrário do que diz a autora, compreendemos que o

acontecimento não demanda de nós permissão prévia ou intencionalidade dos sujeitos para que ocorra, nem nos dá total controle do que está ocorrendo ou o que está por vir. Numa relação de desterritorialização, observa Lapoujade (2015), o acontecimento violenta os corpos.

Há, portanto, uma relação do conjunto de forças daqueles que estão envolvidos no evento comunicacional. Por se estabelecer numa ideia de experiência, não é tão comum e não ocorre o tempo inteiro, mas se torna uma possibilidade na tentativa. A comunicação está condicionada ao corpo, estende-se aos sentidos e para ele retorna (Santos, 2007). Assim, a

A comunicação, o tornar comum, não é a busca de um sentido único ou a homogeneização dos seres. Se o aprendizado, a tradição e o simbólico estão mais próximos da cultura; a comunicação, prescindindo desta, a ultrapassa, podendo ser percebida através do acontecimento. Isto é, de algo extralingüístico que permite a compreensão do sentido [...]. A percepção da comunicação se dá, deste modo, a partir de um acontecimento, de um deixar-se apanhar no movimento, que vem da mistura de corpos e de cujo sentido aparece de um só golpe, quando coisa e palavra, dentro e fora se atiram. Ora, comunicar pressupõe o sair de si e o deixar-se tocar pelo outro através do mergulho no seu ser, pelo atrito dos corpos. [...] A comunicação pressupõe a nossa abertura às sensações, à pele, ao ouvir, ao ver, ao tocar, ao cheirar, ao degustar, sabendo saboreá-los, sentindo-os nas entranhas do nosso ser. Saber sentir, perceber o mundo, nós próprios e os outros, é deixar-nos levar pelo corpo, é não temer interagir com o mundo. A comunicação nasce de nosso contato corporal com o mundo, [...] [e] ela não pode ser tratada separadamente da nossa experiência vivida (Santos, 2007, pp. 11-12).

Concordamos que a abertura ao outro e ao mundo é inerente aos corpos e que a comunicação se dá no agenciamento desses corpos, mas que, do mesmo modo, está para além deles. Está nos fenômenos, nos sentidos, nas sensações, que produzem mudança, que ocorrem no inesperado e suscitam a novidade, uma ruptura do pensamento que nada tem de estável, mas se desloca descontroladamente para a ordem da instabilidade, do caos, do imprevisível que leva, à experiência criadora. A comunicação está na ordem do incorpóreo, na ordem da potência e do devir, de provocar a diferença, da singularidade. O acontecimento é a comunicação como diferença e, pensá-la neste viés, coloca-a como "comunicação imidiática", cujo acontecimento é apreendido, *a posteriori*, na subjetividade e nunca no campo da mediação, da representação do pensamento e da semiótica.

É sobre essa plataforma de ideias que Ciro Marcondes Filho caminhou.

Ciro Marcondes Filho: o poder transformador da comunicação pela diferença

Pensar o comunicacional como acontecimento é uma tarefa que tem exigido esforços e coragem pelos desmoronamentos teóricos que tal pensamento provoca. *Ciro Marcondes Filho* foi um desses pensadores que galgaram destaque na cena acadêmica contemporânea brasileira. Para ele, a comunicação é a emergência de uma diferença que se dá na medida do acontecimento; a emergência de algo sensorialmente novo e inesperado, que transforma e surpreende os corpos (não exclusivamente humanos) envolvidos num acontecimento, episódio, fenômeno ou evento. O fenômeno é o *locus* do “choque”, do “atrito”, ou seja, a comunicação emerge no próprio acontecimento. Pensar a comunicação nessa perspectiva é concebê-la como processo, e não produto, e pressupõe “a criação de um ambiente comum, em que os dois lados participam e extraem de sua participação algo novo, inesperado, que não estava em nenhum deles e que altera o estatuto anterior de ambos, apesar de as diferenças individuais se manterem”. Ou seja, durante o processo, os corpos mantêm suas propriedades, não se funde dois corpos em um só (*Marcondes Filho, 2004, p. 15*).

Tal concepção vincula comunicação à ideia de fenômeno “em processo”, alicerçado no “está sendo” estóico, qualificado pelo autor como “princípio da razão durante”, durabilidade no qual o acontecimento comunicacional existe e tem força. Por esse motivo, a comunicação deve ser apreendida na exata fração de tempo de sua realização, no “estalo”, no “instante mágico”, “momento de pico”, durante “a produção única e irrepetível de sentido”; ao que denomina de “tempo presente” (*Marcondes Filho, 2004, p. 100*).

Para o autor, o acontecimento comunicacional é compreendido como evento contingente/episódico, transitório e, portanto, provisório, diferentemente das crenças na ideia de comunicação constante, eterna e incessante. *Marcondes Filho (2004)* recusa qualquer ideia que intente reduzi-la a objeto ou “coisa”, equívoco cometido quando se instrumentaliza o conceito, voltando-o para os aparatos, para as mídias; e quando o conceito reduz o acontecimento à linguagem. Em ambos os casos, a comunicação, como diz ele, é mascarada. Segundo o autor, sem considerar ambos apontamentos, estaremos contribuindo para a incomunicação, na qual a comunicação escapa e a vitalidade do fenômeno se esvazia, torna-se ato inócuo e morto.

O autor nos orienta a pensar que a comunicação se realiza sob condições muito específicas e determinadas. *Marcondes Filho (2013)* admite três fases na comunicação: Sinalização - produção e emissão de sinais, ruídos, irritações que marcam uma existência, mas não nos voltamos para ela. Está no âmbito da constatação e, para *Marcondes Filho*,

tudo sinaliza no mundo; Informação - os participantes são atraídos, percebem a existência de algo e não ficam indiferentes, ainda que seja contra sua vontade. É resultado de fatores como interesse, preocupação ou curiosidade e passa a fazer parte de nossa própria estrutura de funcionamento através da percepção e da tomada de consciência (Marcondes Filho, 2013, 2014a); e a Comunicação – nesse estágio, os participantes se expõem à “violência” e não saem ilesos: refletem, avaliam, repensam, mudam de opinião e transformam sua orientação. Nessa fase o ser rompe com a impenetrabilidade e se dilui no outro ou na coisa; não há troca ou transferência. “Essa mudança ocorre de um golpe: a partir de agora já penso diferente. *Ela cria sentido*” (Marcondes Filho, 2013, p. 16, grifo do autor). Esse embate nos desarranja, nos faz sair da zona da indiferença e produz a diferença.

Considerando a distinção entre informação, sinalização e comunicação, Marcondes Filho define a diferença como uma relação de sentido que se estabelece na interação entre intencionalidades; a semelhança está circunscrita à sinalização e informação. O fenômeno de comunicação é aquele que proporciona um desconforto e produz um desconcerto na ordem.

Assim, em Marcondes Filho (2017, pp. 26-28), a comunicação está no desequilíbrio, na contracorrente, no “sutil sinal de que algo em nossa mente se quebrou – ou se instalou de forma a alterar nosso estatuto anterior”, que desestabiliza. Quando se busca arrancar o outro da sua indiferença, sua passividade, seu “pouco me importa” é que surge uma dimensão de comunicação militante, que esbofeteia a apatia e faz com que “do outro nasça a sensação de que nem tudo está perdido”, a esperança.

Para “comunicar” é preciso observar, entrar em contato, sentir, rever posições e alterá-las positivamente. A diferença, em Marcondes Filho, é o resultado do encontro com o inesperado, que, por sinal, é (auto)transformador; nesse momento, a comunicação se estabelece. Esse aspecto do acontecimento comunicacional em seu pensamento que nos interessa. Estar “*aberto ao outro, ao mundo, ao estranho*” é a pré-condição para que a comunicação se dê. Caso contrário, seguimos “incorporando apenas as informações que nos interessam, que reforçam nossa repetição, nosso mesmo, nossa inalterabilidade” (Marcondes Filho, 2013, pp. 19-22, grifo do autor).

Ao acolher o outro na sua diferença, nos deixamos atravessar e, a partir dessa interpenetrabilidade, dar-se o aprendizado com a estranheza do outro. Não se trata de alcançar o outro, mas romper barreiras impostas. Nesse instante, nos transformamos diante do mundo, das coisas e de nós mesmos. Apesar disso, por requerer uma surpresa, uma transformação e um aprendizado, diz o autor, o acontecimento comunicacional é

trivial, processo muito raro, de caráter único, vivo, pulsante, raro, efêmero e irrepitível (Marcondes Filho, 2008, 2014b).

Segundo Marcondes Filho, comunicar é estar sujeito à abertura e ao acolhimento do outro na sua diferença, permitindo que o choque os transforme, sem qualquer pretensão de dominação, submissão ou redução do outro. A alteridade passa exatamente essa estranheza, esse estado de complexidade, essa diferença entre corpos. Segundo o autor, a comunicação só é possível a partir da relação com a alteridade – o outro que não sou eu. “Qualquer sinal que eu receba de outro será transformado na minha cabeça em sinais meus, em sensações minhas, em percepções absolutamente próprias minhas” (Marcondes Filho, 2012, p. 45). Assim, “não há objeto, meu próprio ser já é comunicação. [...] É em mim que se abre a comunicação” (Marcondes Filho, 2017, p. 25).

Esse é um processo submetido à contínua mutabilidade que leva à produção incessante da diferença; é quando se faz comunicação - atrito de corpos estranhos. Logo, a comunicação está “no espaço *intermediário*, na região de contato, área entre um e outro, por onde um elemento *incorpóreo*, sutil e inesperado anima, vitaliza, energiza. [...] No espaço *entre*” (Marcondes Filho, 2013, p. 29, grifos nossos).

Há desdobramentos metodológicos para essa forma de pensar a comunicação. Partindo do “evento-enquanto-ocorrência” (Marcondes Filho, 2019), o autor (2010, p. 263) propõe o metáporo, “caminho que se desbrava a si mesmo” ao passo que “segue sua rota sem traçado demarcado”, como possibilidade de uma metodologia para se conduzir pesquisas sobre a égide da comunicação como acontecimento.

A epistemologia espontânea do saber comunicacional, diz Marcondes Filho (2014a), sempre lança mão da subjetividade do pesquisador. Na prática, é desbravar o caminho da pesquisa, fazer-lhe uma picada. O “quase-método” permite vivências sensíveis do próprio fato comunicacional, fazendo “uma imersão nele, sentindo seus efeitos, observando as reações dos outros, tomando pé de todo o clima que envolve o fenômeno” (Marcondes Filho, 2013, p. 10). É através desses poros a que refere Marcondes Filho, por onde as singularidades nele capturadas respiram e, eventualmente, experimentam a comunicação, como observou Rüdiger (2020).

A ideia do pesquisador é “capturar” o acontecimento na sua mobilidade, percebendo a emergência do novo no pico do êxtase (catarse) e esquivando-se da etnografia. Para o autor, os pesquisadores devem se colocar diante do acontecimento comunicacional como ato de permitir acesso, deixar atravessar-se, abrir-se à estranheza, à diferença, hospedar o outro em si. Destarte, pesquisar o transitório é tentar desdobrar um novo olhar sobre o evento comunicacional, pensar sobre ele e materializar esta

reflexão por meio de relatos. Nessa tônica, o autor orienta que se apreenda até que ponto o evento altera os corpos e os fazem pensar diferentemente. Considerando a nova proposta metodológica, Marcondes Filho (2013, p. 25) endossa que “somente as coisas com atualidade são coisas efetivamente vivas” e alerta: “Não existe investigação a *posteriori*, nesse caso ela é história, sociologia, antropologia, estudo de algo passado, portanto, morto” (Marcondes Filho, 2008, pp. 151-2).

Desta forma, Ciro Marcondes nos dá *insights* a partir de sua definição de comunicação centrada na diferença de que ela só existe quando uma diferença acontece em mim e no outro, assim como é percebida tanto por mim quanto pelo outro. Para ele, a prova de que a comunicação aconteceu é quando se mobilizam novas reflexões e nos obriga a agir e repensar o mundo a partir de outra visão, não mais àquela do passado. A comunicação é o estágio suspenso, a atmosfera, a cena ou a situação em que podemos incorporar algo que nos transforma (Marcondes Filho, 2008). Ponto sem retorno. E o metáforo é o caminho apontado para a condução de pesquisas a partir desse modo específico de ver a comunicação.

Considerações finais

A teoria da diferença se afasta da linha de pensamento que estabelece mundos estruturados e se posiciona no mundo pré-sujeito, pré-indivíduo e pré-linguagem. Tais estruturas rizomáticas são móveis, podem se constituir em novas conexões e produzir de forma contínua novos arranjos, mudando a estrutura.

Ainda que reconheça três fases no processo de comunicação, Marcondes Filho sustenta que o fenômeno comunicacional é necessariamente novo, efêmero e surpreendente. A ideia da diferença em Marcondes Filho está fundamentada numa ideia que vai além da irritação, provocação e sedução. Para ele, a diferença é criadora de *sentido* no outro, preservadas suas subjetividades.

A perspectiva da comunicação como acontecimento a coloca como potência. O acontecimento está na ordem da imediação, age sem intermediários e no imediato. Não está, portanto, na mediação e foge da lógica do mediático. Todo o corpo tem a potência de ir ao encontro do outro (potência dos corpos) e nessa relação de forças (agenciamento) com outros corpos, eles se diferenciam e a comunicação se dá.

A comunicação, portanto, é construída nos agenciamentos e, nessa lógica, não seria probabilística, mas na ordem do devir (possibilidades) que pode se atualizar ou não. Ou seja, Marcondes Filho e Deleuze possuem semelhanças consideráveis e ambos privilegiam o acontecimento: Marcondes Filho vê a transformação como a essência do sentido no acontecimento, enquanto que Deleuze (1974, p. 23) empreende que não

devemos perguntar “o sentido do acontecimento, [pois] ele é o próprio sentido”. Pensar a comunicação como acontecimento é adotar um pensamento rizomático, do caos, da não-hierarquia e não somente da ordem do social e do humano.

Deleuze e Guattari articulam o episódio comunicacional, a partir da transgressão, do improvável, das práticas, dos cruzamentos, dos encontros, que abrem possibilidades de formação de sujeitos e objetos, que não se esgotam nestas relações.

Ciro Marcondes foi um desses autores brasileiros que deixou algumas pistas, brechas, para se pensar a comunicação como diferença e, assim, situar o ato comunicacional na dimensão do acontecimento, do evento, do episódio, do fenômeno. A comunicação enquanto processo, portanto, é algo que está acontecendo, sempre no provisório, no que há de vir, está em movimento e pode nos revelar rastros e formas para entender o comunicacional. É necessário este esforço: buscar o especificamente comunicacional.

O acontecimento, que se instaura na lógica do inesperado e do imprevisível, é capaz de provocar descontinuidade na experiência dos sujeitos que são por ele afetados, violentados. No acontecimento, há uma grande quantidade de sentidos que estão no contexto, nos indivíduos envolvidos, na situação e nas variáveis do fenômeno. Quando a comunicação ocorre, os heterogêneos se aproximam, se envolvem, se atiram, se repelem... No âmbito dos sentidos, das afecções, das experiências, a diferença é acionada e o incômodo do improvável pode me atravessar para que minhas concepções, antes certas e estáticas, sejam agora cambiantes, fluídas. Essas são as lições tão bem elaboradas por Ciro Marcondes.

Referências

- Araújo, A. (2019). Deleuze, filósofo da comunicação. *42o. Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação - Intercom*, Belém, PA.
<https://portalintercom.org.br/anais/nacional2019/resumos/R14-1712-1.pdf>
- Araújo, A. (2020). *Deleuze e o problema da comunicação*. [Tese de Doutorado]. Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
<https://lume.ufrgs.br/handle/10183/212468>
- Cordeiro, E. (2007). Deleuze: comunicação, controlo, palavra de ordem. *Caleidoscópio*, Lisboa, s.v. (8), 37-49.
https://recil.ulusofona.pt/bitstream/10437/550/1/03_deleuze.pdf
- Deleuze, G. (1974). *Lógica do sentido*. Trans. de Luiz Roberto Salinas Fortes. Perspectiva/EdUSP.
- Deleuze, G., & Guattari, F. (1995). *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Trans. de Aurélio Guerra e Célia Costa. Ed. 34.
- De Miranda, W. S. (2019). A teoria dos incorporais e a filosofia do acontecimento de Gilles Deleuze. *Revista Interdisciplinar em Cultura e Sociedade*, 5(2), 1-17.
<https://www.periodicoeletronicos.ufma.br/index.php/ricultsociedade/article/view/12998/7044>

- Lapoujade, D. (2015). *Deleuze, os movimentos aberrantes*. Trans. de Laymert Garcia dos Santos. N-1 Edições.
- Marcondes Filho, C. (2004). *Até que ponto, de fato, nos comunicamos?*. Paulus.
- Marcondes Filho, C. (2008). *Para entender a comunicação: contatos antecipados com a Nova Teoria*. Paulus.
- Marcondes Filho, C. (2010). *O princípio da razão do durante: o conceito de comunicação e a epistemologia metapórica: nova teoria da comunicação III: Tomo V*. Paulus.
- Marcondes Filho, C. (2012). A comunicação no sentido estrito e o metáporo: ou porque a Nova Teoria não é estudo de recepção, etnografia nem tem a ver com Edgar Morin. *21o. Encontro Anual da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação - Compós*, Juiz de Fora, MG.
<https://docplayer.com.br/211998635-A-comunicacao-no-sentido-estrito-e-o-metaporo-ou-porque-a-nova-teoria-nao-e-estudo-de-recepcao-etnografia-nem-tem-a-ver-com-edgar-morin.html>
- Marcondes Filho, C. (2013). *O rosto e a máquina: o fenômeno da comunicação visto dos ângulos humanos, medial e tecnológico*. Paulus.
- Marcondes Filho, C. (Org) (2014a). *Dicionário de comunicação*. Paulus.
- Marcondes Filho, C. (2014a). A nova forma de pesquisar a comunicação: a engenharia das emoções, o autômato espiritual e um campo de conhecimento que se constitui. In V. França, A. Aldé, & M. Ramos (Orgs.), *Teorias da comunicação no Brasil*. (pp. 63-78). EDUFBA.
- Marcondes Filho, C. (2014b). Ensaio sobre a incomunicação. *Alaic*, 9(17), 40-49.
<https://www.alaic.org/revista/index.php/alaic/article/view/440/251>
- Marcondes Filho, C. (2017). Comunicação e revelação. *Paulus*, 1(1), 17-28.
<https://fapcom.edu.br/revista/index.php/revista-paulus/article/view/5>
- Marcondes Filho, C. (2019). *Das coisas que nos fazem pensar, que nos forçam a pensar: o debate sobre a nova teoria da comunicação*. EdUSP.
- Masella Lopes, P. R. (2014). Comunicação: entre o espaço visível do meio técnico e o invisível do acontecimento. *Vozes & Diálogo*, 13(2), 5-17.
<https://siaiap32.univali.br/seer/index.php/vd/article/view/6530/3883>
- Prado, J. L. A. (2017). Reconhecimento tenso, acontecimento inaugural: na direção de outra comunicação. *E-Compós*, 20(1), 1-15. <https://www.e-compos.org.br/e-compos/article/view/1345>
- Rüdiger, F. (2020). A comunicação como aventura solipsística: sobre a "nova teoria" de Ciro Marcondes Filho. *Revista Eco-Pós*, 23(3), 253-277.
https://revistaecopos.eco.ufrj.br/eco_pos/article/view/27433
- Santos, T. (2007). O acontecimento comunicacional. *E-compós*, 8(s.n), 1-15.
<https://docplayer.com.br/87497675-O-acontecimento-comunicacional-1.html>
- Ulpiano, C. (2016). *O corpo e o acontecimento: curso regular Escola Senador Correia, 28 de março de 1989*.
<https://acervoclaudiuulpiano.wordpress.com/2016/11/10/aula-de-28031989-o-corpo-e-o-acontecimento-2/>
- Zourabichvili, F. (2004). *O vocabulário de Gilles Deleuze*. Trans. de André Telles. [Digitalização e disponibilização da versão eletrônica: IFCH/Unicamp].
<https://www.redehumanizaus.net/sites/default/files/deleuze-vocabulario-francois-zourabichvili1.pdf>

ABSTRACT:

This article stresses the Deleuzian notion of difference and its consequences for Communication Sciences in Brazil. To this end, the contributions of the Brazilian researcher *Ciro Marcondes Filho* are rescued, who, in his theoretical-methodological path, outlines a unique concept of communication based on difference. A thread is established between the thoughts of the Brazilian author and the ideas problematized by the French philosopher, in order to make an analysis of the contributions of the former to think about communication constituted as a difference in the context of the event. Finally, the relevance of the Brazilian *Marcondes Filho* is recognized, based on his epistemological endeavor on communication, rethinking it as a differentiator, capable of transforming as it is an event and a becoming.

KEYWORDS: Communication; Difference; Event.

RESUMEN:

Este artículo destaca la noción deleuziana de diferencia y sus consecuencias para las Ciencias de la Comunicación en Brasil. Para ello, se rescatan los aportes del investigador brasileño *Ciro Marcondes Filho*, quien, en su recorrido teórico-metodológico, esboza un concepto único de comunicación a partir de la diferencia. Se establece un hilo entre el pensamiento del autor brasileño y las ideas problematizadas por el filósofo francés, con el fin de hacer un análisis de las contribuciones del primero para pensar la comunicación constituida como diferencia en el contexto del acontecimiento. Finalmente, se reconoce la relevancia del brasileño *Marcondes Filho*, a partir de su quehacer epistemológico sobre la comunicación, repensada como un diferenciador, capaz de transformarse en tanto que acontecimiento y devenir.

PALABRAS CLAVE: Comunicación; Diferencia; Evento.